

Azzedine
e outras peças

Jaime Rocha



RELÓGIO D'ÁGUA



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodaguaeditores.blogspot.com

Título: Azzedine e Outras Peças
Autor: Jaime Rocha
Revisão de texto: Joana Serafim
Capa: Carlos César

© Relógio D'Água Editores, Junho de 2009

Se não encontrar nas livrarias o livro que procura da R. A., envie um e-mail para
relogiodagua@relogiodagua.pt

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Digital XXI — Soluções Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 295489/09

Jaime Rocha

Azzedine e Outras Peças

Introdução

Azzedine

Reminiscências

Crônicas de Elyse

Um Prólogo

Azzedine

Personagens:

Azzedine

Genet, Jean

Olhos Verdes — personagem da peça de J. G. *Alta Vigilância*

Maurice — idem

Lefranc — idem

Solange

Larache, Marrocos. Uma paisagem de chão e mar onde está instalado um cemitério com um único túmulo. Ouve-se o som das ondas e vozes. A seguir, silêncio. Azzedine aproxima-se e deposita uma rosa em cima da terra que cobre o túmulo. É ainda uma criança vestida como Genet vestia nos tempos de Morvan. Fica calado e desaparece.

*Entra de novo, agora mais velho, um jovem vestido como um cadastrado de Mettray, e lê um poema de Verlaine do livro *Fêtes Galantes e partes do primeiro livro de Genet, O Condenado à Morte*. O túmulo começa a ceder devagar, nota-se a areia a cair e algumas fendas tornam-se visíveis. Azzedine desaparece. Um jogo de luzes e sombras incide sobre três figuras fantasmáticas que habitam uma prisão, ao lado do cemitério. Azzedine surge outra vez, agora já um homem vestido de blusão militar palestiano e com um cinto de explosivos.*

*Toda a cena é lenta e simples como se fosse uma espécie de dança, um ritual de chamamento, mas sem gestos muito marcados. Azzedine mexe-se como alguém possuído por uma luz interior. As três figuras passam da sombra para a luz, uma luz ainda um tanto esmaecida. O túmulo cede ainda mais. Azzedine senta-se e lê passagens do *Corão*. Quando se prepara para partir, uma mão agarra-o. Genet levanta-se do túmulo e beija Azzedine. Genet veste umas calças de ganga, uma camisola de gola alta e uma camurcina.*

AZZEDINE — Que Alá me acuda!

GENET — Não te assustes.

AZZEDINE — És mesmo tu.

GENET — Eu mesmo. Quem poderia ser senão eu?

AZZEDINE — Não acredito que seja possível um morto sair da terra.

GENET — Nem eu. Mas a verdade é que estou aqui de novo ao teu lado e continuo a ver-te como um filho, já mais crescido.

AZZEDINE — Já passaram vinte anos.

GENET — Lembras-te desse dia?

AZZEDINE — Lembro-me, tinha sete anos. Estavam poucas pessoas e o meu pai chorava.

GENET — Eu amava o teu pai.

AZZEDINE — Toda a gente em Larache comentou o teu enterro. Não fui à escola nesse dia. Depois deixou-se de falar. O meu pai vinha aqui muitas vezes, quase todos os dias, ou ficava a olhar da varanda da casa para o teu túmulo. Sabias que dali da casa se vê o teu túmulo?

GENET — Sabia.

AZZEDINE — É verdade. O sol começava a pôr-se e ele ficava a contemplar o túmulo até que desaparecesse na sombra da noite. O teu túmulo. E dizia: o senhor Jean foi-se deitar.

GENET — Não me olhes com esse olhar, eu sou um homem comum.

AZZEDINE — Estou apenas a ver-te, a tentar lembrar-me.

GENET — Não há muito para lembrar.

AZZEDINE — Quando me agarrava às tuas pernas e te puxava pelas calças para me comprares rebuçados.

GENET — Eras uma criança livre, tinhas tudo o que as crianças da tua idade, nesse tempo, não podiam ter. Lembras-te da tua primeira bicicleta? Inventaste mesmo uma dança em honra dela. Uma dança parecida com a das mulheres de Baqa a que tu nunca tinhas assistido. Tinhas um riso prodigioso. Fazias-me esquecer a minha doença e o horror que tinha vivido nos campos de morte do Líbano.

AZZEDINE — Ficavas dias inteiros fechado no hotel com o teu pijama azul-celeste, a assentar coisas nos cadernos.

GENET — Ainda te lembras? Eu era um europeu sujo a cheirar a *Gitanes* e tinha começado a escrever o *Prisioneiro*...

AZZEDINE — E da festa dos meus cinco anos que todos comemorámos na escola com bolos e limonadas. Lembro-me bem.

GENET — E a Amina?

AZZEDINE — A minha mãe deixou Larache. Foi para a aldeia dela, perto de Fez, para a família. Não entende a minha luta.

GENET — Eu dizia que eras o meu neto palestiniiano. Amava o teu pai, amava-te.

AZZEDINE — Depois da tua morte, cresci sozinho, sem ele, metido na tua sombra, como um refugiado no meu próprio país, como se tivesse vivido sempre dentro de um contentor. Ameaçado pelos políciais.

GENET — Foste um menino protegido.

AZZEDINE — Com medo de que alguém que me viesse violar e de outros povos mais poderosos que transformassem o meu corpo em cinza.

GENET — Cresceste como eu desejei, forte, sem cadeias nos pés como as dos presos, sem andares a pedir pelas ruas ou a roubar nos comboios. Tornaste-te um homem.

AZZEDINE — Fiz-me por mim. O meu pai, Mohammed, disse-me, antes de morrer, para ouvir sempre o que os mais velhos diziam. Morreu de noite num desastre de automóvel, contra uma árvore. Acho que não aguentou a tua morte. Queria desaparecer, ir ter contigo.

GENET — Eu sei. Eu vi. Conheço bem o sofrimento, o cheiro do sangue a esvair-se pelo corpo. Mohammed tornou-se para mim o mal e o seu remédio. E agora estás tu aqui à minha frente e tenho medo do teu pensamento.

AZZEDINE — Não tenhas.

GENET — Conheço essa luz nos teus olhos. Sei o que te move. Por detrás dessas palavras, desses fatos que usas, vejo o pó de um esqueleto a desfazer-se. Não tem sentido.

AZZEDINE — Todos temos que morrer, cada um à sua maneira.

GENET — Gosto das palavras, mas abomino a crueldade dos homens, a sua morte sem qualquer fulgor. Não quero acreditar que te tornaste num desses rapazes que caminham para a morte como se ela habitasse dentro de um brinquedo de plástico.

AZZEDINE — Mas vais ter que acreditar.

GENET — Um homem morto não vale nada, zero, um deserto ao vento. Melhor seria teres-te tornado equilibrista num circo e andares pelo mundo a mostrar-te. Ainda vais a tempo.

AZZEDINE — É também por ti que faço isto, por um sentimento eterno.

Para te mostrar a minha gratidão.

GENET — Odeio a gratidão, odeio o choro e a piedade. Odeio os homens fracos. Anda cá, abraça-me.

AZZEDINE — Mas tu morreste, a culpa não foi minha.

GENET — Não fui eu quem escolheu a minha morte.

AZZEDINE — Eu vinha aqui com respeito, para te saudar, para te ler poemas e é tudo. O meu futuro está traçado. Está neste livro. Não estava previsto que saíesses desse chão.

GENET — Não foi por vontade minha, foram as tuas preces, as tuas leituras, os silêncios, o teu corpo que se tornou num corpo de homem, um homem duro, a tua fala.

AZZEDINE — Eu sei o que quero. Quero morrer do modo como morrem os de Al-Aqsa. E quero que tu o saibas, que o faço a pensar em ti, porque me disseram que estiveste em Beirute, no campo de refugiados de Chatila e viste aquelas centenas de cadáveres amontoados, expostos ao sol.

GENET — Não é disso que quero falar, desse mal-estar, desse ódio. Venho pela paz, estou velho, chega-me o sangue que vi, as prisões onde estive fechado. Venho para endireitar o caminho que percorri, para deter essa luz negra que habita o teu rosto.

AZZEDINE — Volta para o chão, não preciso mais do que da memória do teu riso, de mim em criança agarrado às tuas pernas. Tudo o resto não te pertence, nem o podias compreender.

GENET — És ainda uma criança, um leãozinho. Não te chegam as Intifadas?

AZZEDINE — Sou um homem com um destino, amado por outros homens. Há muito que sei manejar esta Kalashnikov. Hoje nascemos já com uma arma nas mãos, com os olhos encostados à mira, a olhar para os lados de Israel, para as nossas terras.

GENET — És uma criança, falta-te um pai, alguém que te sacuda pelos ombros e, se for preciso, que te bata com um cinto. Podias continuar a mandar pedras, a esconder-te à espera de que os tanques apareçam, e ias vivendo assim.

AZZEDINE — Para quê? Tenho vinte e sete anos. Eu sei o que...

GENET — Não sabes nada. É preciso morrer primeiro para o saber, mas como eu, de velho, doente como um fruto podre. É preciso sentir os passos dos vivos em cima da nossa cabeça, ouvi-los chorar e praguejar, saber das suas culpas e das suas mentiras.

AZZEDINE — *(Aponta para o Corão)* Mas eu tenho um pai.